

À luz do amor

Entrevista com o Padre José Granados García, autor do livro "Eucaristia e divórcio: rumo a uma mudança de doutrina?"

1.-D.- No livro o senhor fala, em particular, a importância de compreender o termo da doutrina "em cristão." Então, o que é a doutrina?

R. A palavra "doutrina" não goza de boa reputação. Acontece que a outra palavra, "verdade", que o tempo pós-moderno não aprecia muito. Parece que falar de "verdade" é o mesmo que falar de imposição, de opressão sobre nossas histórias concretas. A doutrina parece uma rede que fecha, que não abre, mas horizontes de novidades... No entanto, no Cristianismo a palavra "doutrina" tem um significado muito diferente. E não se trata de uma série de afirmações abstratas, nem é um ideal para que nós pensamos que seria belo viver. A doutrina, no Antigo e no Novo Testamento, afirma um fato e conta uma história. É a narrativa da história de Deus com os homens que se tornam história da humanidade com Deus. Todo o credo está a serviço desta verdade: em Jesus se cumpre a última história que ilumina o começo e o fim, e encontra lugar em cada história pessoal, com a própria genialidade, criada por amor e chamada para um dom de amor.

Daqui nasce uma outra visão da palavra "verdade" é a verdade da nossa história incorporada a história de Jesus, a verdade que agora se torna profundamente interessante e tem uma grande luz pastoral. Quais são os esposos que não estão interessados em saber se o seu amor vai durar, se for bem construído, se eles podem fazer a promessa para sempre? Que pai não se preocupa em ser capaz de transmitir a seus filhos um horizonte para percorrer e crescer?

A filosofia da linguagem fala de palavras "per formativas", porque não comunicam apenas um conteúdo intelectual, mas ação, e, portanto, um efeito real. O exemplo clássico é o da promessa. Na promessa não tem apenas uma verdade teórica, mas um fato, que abre, até mesmo o futuro e se une a "minha verdade" como pessoa. A promessa é autêntica apenas se "encarnada" em uma história de fidelidade. Portanto, a doutrina cristã é "per formativa", é "encarnado", porque nasce da história de Jesus que toca a nossa história concreta como uma promessa de amor insuperável. A doutrina está sempre ligada a uma prática, portanto, mantê-la apenas como um belo ideal, afinal, equivale a negá-lo.

2 D. Com o título de seu livro, "A Eucaristia e divórcio: para uma mudança da doutrina?" lança uma pergunta sobre um assunto atual, tanto dentro como fora da Igreja. O que o motivou a escrever este livro? Porque quis explorar o tema da Eucaristia e do divórcio?

R. A ideia de escrever o livro foi - em primeiro lugar - uma preocupação pastoral. Descrevendo ideia mais rica da doutrina que poderia ser recuperada como uma luz para a pastoral familiar. A missão com as famílias hoje, precisam, mais do que nunca, da luz da doutrina, de uma história que permite que casais de noivos preparar o seu amor para o "para sempre" do matrimônio; que incentiva os pais a dizer a seus filhos porque a vida merece ser vivida.

A preocupação surgiu diante do recente debate no Sínodo: ouvindo certas intervenções parecia que esta visão rica da doutrina estava perdida, especialmente na discussão sobre a possível admissão à Eucaristia dos divorciados e recasados. Aqueles que são a favor argumentam que a doutrina não é afetada. No Sínodo, segundo eles, são discutidos apenas as questões pastorais e, portanto, as palavras de Jesus sobre o divórcio não pode ser alterado.

A minha impressão, no entanto, foi que atrás deste tema se escondia uma visão muito pobre da doutrina cristã, como se fosse um ideal, uma realidade tão alta que a Igreja coloca diante dos homens, mas então você tem que se adaptar à sua realidade e fragilidade. Escrevi o livro para prosseguir esta questão à luz da grande reflexão teológica da Igreja. Eu acho que uma importante conclusão do livro é que a doutrina da

Igreja nasce sempre nos sacramentos e que é inseparável da mesma, e por isso é sempre doutrina encarnada. Apenas a Eucaristia assume um papel importante para saber o que é a doutrina, por que é nela que a Igreja sempre professou sua fé, não só em palavras, mas com sinais vivos, concretos.

3 D. Na perspectiva do próximo Sínodo sobre a família, o senhor acha que os Padres sinodais estarão abertos a reformular algumas das considerações da doutrina sobre este assunto? Nós realmente estamos diante de uma mudança de doutrina?

R. O Sínodo de 2014 foi concluído com uma pergunta na mesa que ainda não foi resolvida e que foi novamente proposta no questionário distribuído recentemente. Por isso seguramente vai estar em vigor no próximo Sínodo. Eu acho que é importante perguntar-se o que está em jogo. É muito diferente se for, como alguns dizem, de uma adaptação pastoral; ou, como dizem os outros, de uma questão de doutrina. É exatamente aqui que entra o livro: na verdade não haverá uma mudança de doutrina, se houver uma mudança de uso eucarístico? O que eu quis mostrar é que este debate que está em jogo toca uma questão de doutrina que diz da fidelidade da Igreja as palavras de Jesus. Isto é porque a Igreja não revela sua doutrina como uma declaração teórica, mas de um modo encarnado e narrativo, em uma forma sacramental. E a Eucaristia é o lugar dessa profissão de fé, porque nela a história de Jesus se encarna na vida do crente.

Além disso, o lugar onde a doutrina se faz carne na vida das pessoas, onde se tornou uma tradução viva da palavra de Jesus, é o sacramento do matrimônio. A indissolubilidade, a doutrina ensinada por Jesus, não só se manifesta como uma ideia, mas como a coerência vital entre a vida do crente e do corpo de Jesus na Eucaristia. No livro eu argumento que se permitíssemos a comunhão para divorciados novamente casados, mudaria não só a doutrina, mas também a própria fonte de onde vem a doutrina.

4 D. De especialista no assunto, acredita que a divorciados novamente casados poderiam receber a comunhão?

R. gostaria de fazer uma distinção entre as duas questões que estão escondidas naquilo que me colocou. A primeira e a mais direta: eles podem receber a comunhão os divorciados novamente casados? A segunda está atrás dela: a Igreja tem para eles uma palavra de esperança, abre-lhes um caminho?

No livro me parece ter mostrado que a primeira pergunta que tem de responder é não. E só que quando se diz "não" a esta pergunta, você pode dizer "sim" para a segunda.

Por que precisa responder não para a primeira pergunta? Este "não" na realidade é a outra face de um "sim": a coerência ou a harmonia da vida de casado na carne e a vida eucarística. Quando alguém não receber a comunhão diz "Amém", não só diz: "Este é o corpo de Jesus, mas também:" A minha vida no corpo quer estar de acordo com o modo de vida do corpo de Cristo. E esta é a maneira de viver própria do sacramento do matrimônio, onde ele coloca em jogo o amor de Jesus e da sua Igreja. Se alguém não quer viver em suas relações concretas, de acordo com este corpo de Cristo, segundo a verdade do matrimônio, não posso dizer "Amém". E se a Igreja aceita-os à comunhão, Ela mesma já não seria um sinal visível do amor de Jesus para os homens; Sua palavra não seria mais o Verbo encarnado e salvífico que é. O que diria aos jovens que estão se preparando para o casamento? O que poderia dizer aos esposos que atravessam às dificuldades no casamento e eles acham que, se deixar perder ou não? Se dissesse que o matrimônio é indissolúvel, mas depois não o vivesse na Eucaristia, onde nasce a Igreja, não seria uma mentira sacramentalmente?

Manter essa harmonia entre Eucaristia e matrimônio permite dizer "sim" à segunda pergunta. Sim, existe um caminho para os divorciados que vivem esta situação. Se lhes fosse permitido receber a comunhão não haveria um caminho agora, deixaria de questionar a essa contradição entre a sua vida e as palavras de

Jesus, lançaria por terra em sua promessa de casamento. Mas aceitar essa distância é dar um primeiro passo, para que a palavra de Jesus possa ser realidade em suas vidas. Caso aceite estas palavras de Jesus - que se traduz na impossibilidade de se aproximar da comunhão - se eles concordam em considerar a sua própria situação à luz destas palavras, estão já a caminho. A Igreja é chamada a acolhê-los com misericórdia e paciência, para acompanhá-los e convidá-los à oração, a missão e ao serviço. Claro, isso não tira a dor desta situação, mas é algo maior: mostra como esse sofrimento pode se tornar fecundo. Não faltam testemunhos concretos de como este caminho levará a uma conversão para voltar a viver segundo a verdade do matrimônio, a altura do dom que Jesus nos dá na Eucaristia.

5 D. proponho novamente a mesma pergunta que o senhor propõe para o leitor ... "Como entender a doutrina é bastante frutífera para abrir horizontes na vida da Igreja e das famílias?"

R. A doutrina cristã é entendida apenas na luz do amor; a doutrina é a verdade do amor que permite descrever a vida como uma história de amor. As famílias precisam desta história que a doutrina anuncia a partir da vida de Jesus: elas precisam aprender a recordar e contar os benefícios de Deus, para tecer o seu tempo a partir da fidelidade a uma promessa, a olhar para o futuro como um tempo de fecundidade. Esta é uma palavra que os pais podem dar aos filhos como um testemunho de vida e que também pode iluminar o caminho dos homens na sociedade. É uma doutrina que, sendo incarnada e comunicando uma história, é luz fecunda na vida das pessoas e da Igreja.

O livro procura mostrar que esta doutrina fecunda nasce da coerência entre a Eucaristia e matrimônio. O Sínodo poderia começar por aqui: confessar na fé, nos sacramentos, na prática pastoral da Igreja, a harmonia entre Eucaristia e o matrimônio porque este é o grande dom que Deus deu à Igreja e para cada família. É daqui que vem uma grande luz, um grande caminho que pode dar sentido a toda pastoral familiar. Daqui você também pode abrir novos caminhos para aqueles que, depois de perder o caminho do amor giram livremente e desorientados.

6 D. Além disso, o senhor é vice-presidente do Pontifício Instituto João Paulo II para os Estudos sobre Matrimônio e Família, portanto, conhece a realidade da família e do matrimônio. Quais são as ameaças que enfrentam?

Certamente há muitas ameaças que afligem a família. Isso é lógico, porque a família é um ambiente frágil: o âmbito do amor, onde a vida é aceita em seu mistério e pequenez, o que parece indefesa. Estas ameaças são acentuadas com o individualismo moderno.

Gostaria de salientar, por um lado, a privatização da família, a sua segregação para a esfera privada. A sociedade não leva em conta a família porque olha apenas os indivíduos. Mas a família consiste precisamente em relacionamentos, se define como as relações que não podem ser limitados aos indivíduos. Se a família não tem um tecido social que o sustenta, se não pode ser vertida no tecido social para enriquecê-la, torna-se uma árvore desarraigada. Para isso precisa desenvolver uma cultura da família e uma cultura eclesial da família (a paróquia não é composta de indivíduos, mas por famílias) que derrama o bem da família e da comunidade.

Essa privatização de amor chega ao extremo de considerar hoje o mesmo corpo como um projeto pessoal que o indivíduo tem de definir: são as chamadas ideologias de gênero. É aqui que a privatização da família enfrenta outra ameaça, o pansexualismo contemporâneo relacionado à revolução sexual do século XX. Separando sexualidade e vida, sexualidade e amor, foi danificada a família que vive na união íntima entre essas dimensões de pessoas.

A isto acresce uma visão emotivista do amor conjugal, reduzida a sentimentos intensos para a outra pessoa. Desta forma, é impossível construir sobre ela, uma relação estável, no qual suporta toda a vida. Está perdido então a estrutura do tempo, a história que torna possível que o amor floresça e se transmita de geração em geração. A família está ameaçada por uma visão de tempo dividida em fragmentos, incapaz de estabelecer um instante com o outro, incapaz de promessas, de perdão, de paternidade e de maternidade para o futuro

No entanto, o mais importante das dificuldades que enfrentam as famílias é uma outra questão: qual esperanças que se apresentam as famílias? A pastoral da Igreja não inicia com um olhar de medo face à perigos e dificuldades. Se o olhar fosse este, não podíamos ser Igreja e estar nas estradas como pede o Papa. A Igreja pode sair porque tem uma grande alegria para compartilhar, e a alegria esporas, significa que nos colocamos em marcha. A alegria para as famílias é o dom que receberam, no sacramento do matrimônio. É na Eucaristia, que se conforma com esse dom e permite que eles possam vivê-la. Como amadurecer esse dom? Como ajudar as famílias a viver de acordo com este dom? Se partirmos do dom de Deus e do seu chamado e não pelas dificuldades, se pode ver que o dom é sempre maior, e que graças a este dom a família autêntica não está em crise. Na verdade, como a fonte do futuro, é a força que nos ajuda a superar qualquer crise e a curar todas as feridas.